

Rio Grande do Norte.

Brazil.

ALBUM

DO GRÊMIO L. "FREI MIGUELINHO"

ANNO I

Natal, 13 de Novembro de 1932

NUM. 8

DIRECTOR. *Americo Lopes.*
SECRETARIO *Alcebiades Lisboa*
GERENTE *Hildebrando Barros*

ALBUM



13 de Novembro

São sempre assim os phenomenos da evolução!

Montem, era um povo que sacudia o jugo de um governo despotico; uma multidão que erborava um throno confiante no futuro; era uma população que pregando novas doutrinas e estabelecendo novas formulas derrubava todo o edificio da monarchia heroditaria e constitucional; hoje, é esse mesmo povo que curva a fronte, como d'antes, ao despotismo de um novo governo; é essa mesma multidão que geme ao pé de sua obra profanada pelas mãos dos santarrões da democracia e lança ao passado um olhar angustioso; é essa mesma população que, como Jeremias, chora sobre as ruinas de seus templos a tergiversação de suas doutrinas pregadas outr'ora pelos invictos mestres Benjamin, Saldanha, Doodoro e Floriano; que chora o adulteramento de seus ritos, ritos de uma pureza sublime, ritos que estabelecem a segurança e integridade da Patria, que só idealizam o Bem.

E' isto o que lavra em todo o Paiz; é isto o que lemos em todos os olhos e o que ouvimos de todas as boccas: é isto a nossa vida social!

E o povo brasileiro não será bastante forte para oppor um diquo a essas imperiosidades da soberania nacional?

Nós somos d'estes que acreditam que a monarchia não fructificará, ou melhor, se não enxertará em um paiz em que o mestijamento e a democracia são elementos predominantes; mas afirmamos, tambem, que um governo sem critorio e sem largueza de vistas não é o que convem em taes condições.

Ora, o Brazil, segundo as observações historicas e ethnologicas, está n'este caso; a monarchia tinha de forçosamente cahir para em seu lugar levantar-se imponente o edificio da Republica—o regimen livre e democratico, inherente a constituição moral do povo brasileiro, o governo que tem por bazo—A Ordem, por norma—A Liberdade e por fim—O Progresso!

Mas qual é o estado actual das cousas? O que se desenrola no campo das nossas instituições politicas e sociaes? O que é a Republica Federativa actual?

Que respondam as classes operarias; que erguam a voz os empregados mal remunerados, o negociante rondado á luz meridiana, o agricultor sem recursos, tudo, todos!

Bem dissera a princesa imperial Isabel ao deixar para sempre as plagas do seu amado Brazil:

—Ahi Sr. Mallet, os senhores hão de arrependem-se!

Não!.. mas nós não nos arrependemos nem nos arrependemos nunca! o que nós queremos é harmonisar os principios do dever com a pratica das ideias; é sujeltar as ambições do poder aos moldes da justiça. Senão, como provar a superioridade do novo systema sobre o antigo regimen? Como mostrar aos que nos espreitam de fóra, a multos ferrenhos monarchistas que vegetam pelos recantos do Paiz que a Republica Federativa é o governo das mais sábias e bellas instituições e da mais invejavel orientação?

Eis o que nós quoremos; eis porque nos queixamos; porem se nada conseguirmos, se a Republica não tornar-se a Republica, então que não confiem muitos os homens do poder, que não zombem muito do sangue tropical, e, sobretudo que tenham bem patentos os exemplos da Inglaterra em 1665, da França em 1793 e 1818 e da Hespanha em 1868.

E' por isto que não corremos, hoje, á tua passagem, gloriosa data, para só offerecer-te flores, para atrair-te calorosos vivas!

Não podemos olhar para o passado sem volvermos á triste realidade do presente!

A tua historia, 15 de Novembro, a tua honra, acham-se ameaçadas; a obra que levaste á cabo acha-se contaminada por aquelles que se dizem seus continuadores!

E' preciso desmascarar os que pretendem fazer do nosso Paiz e do nosso regimen um taboleiro de xadrez, é preciso por um freio ás suas infimas especulações!

Quando tivermos alcançado tudo isto, então, sim: correremos reverentes á saudar o sol do 15 de Novembro espargindo a luz dos seus raios de ouro sobre as campinas da Patria regenerada e sobre os corações satisfeitos de seus autonomos habitantes!

Ah, que se das gelidas tumbas em que repusam os martyros da Liberdade, os apóstolos da Republica se erguessem e ouvisse os gemidos da nação opprimida, se erguesse um e viesse a sua Patria entregue ás mãos de homens cuja maior aspiração é que o Brazil se torne pequeno até em territorio para de uma só vez abocanhá-lo, certo, exclamaria:

«Oh patria que eu salvei do despotismo!
«Lá vejo a corrupção que te avasala!
«Não te conheço.»

PAULO DA SILVA

PROSPECTO

O ALBUM será publicado duas vezes por mez e assignar-se-ha a 1\$000 por trimestre, pagos adiantadamente

REDACÇÃO E OFFICINAS :

Rua Voluntarios da Patria n. 1

UMA LEMBRANÇA

(A M. A. A. G.)

Antes de abrir o ferrolho do portão, detive-me à escutar. Parecia-me ter ouvido os sons da voz de Bella; mas o que fazia ella a aquella hora de tanto, foi zili na extremidade do quintal, tão longe da casa?

Entre abri o portão de vagarinho e olhei. Ella não me presentiu.

Estava muito atarefada e absorvida n'uma occupação—em duvida de um encinto sem igual para ella a destruição de uma casinha de folhagens, edificada pelos irmãos ao pé de uma das arvores do quintal.

A casinha, uma choupana de bonecas, era feita de varilhas verdes, e coberta de ramos, n'um caprichoso tecido de folhas tintas que a acção do sol emmurchocera já um pouco.

Deviam ter 11 horas da manhã, pouco mais ou menos, e o quintal estava deserto. Entretanto, a pequenina fugitiva, trajando ap nas um vestidinho de cambirala, de mangas curt e, e que deixava ver-lhe as gordas perninhas torceadas como columnas de jaspe rosado, cercada pela aureola dourada dos raios refulgentes d'aquelle sol de Maio, que lhe punha nos cabellos como pulverizações de ouro puro e avivava a cor das rosas de suas faces, ergula-se nas pontas dos pés para despojar a casinha do seu telhado verdejante.

Tinha no rostinho afogueado e sorridente uma indefinivel expressão de innocente malicia, de prazer e furoto, ao mesmo tempo entregue a alegria de sentir-se em liberdade para praticar aquella travessura, e o receio de ser sorprendida em meio d'ella...

O seu vulto gracil esbatia-se sombreando o fundo musgoso do muro, coroadado de trepadeiras, e todo esse conjuncto formava um quadro delicioso, que arrebataria um artista.

Ah! que verdadeira obra prima faria aquelle que lograsse copial-a assim!...

Contemplei-a algum tempo, embevecida com os olhos humidos de ternura que o meu grande affecto por ella fazia subir do coração transido

pela lembrança de que dentro de poucos dias toria de partir para tão longe!

Depois, a ideia de impedir a consummação d'aquelle crime, o pensamento de evitar a contrariedade dos outros pequenos quando vissem assim deteriorada a sua propriedade, e tambem o desejo de subtrahir aquella fina epiderme tão mimosa que desafiava os meus beijos, do ardor do sol, tudo isso fez-me chamal-a de mansinh :

«Minha flor!»

E ella, n'um repente volvendo-se, soltou um gritinho de surpresa e prazer, e correu a atirar-se nos meus braços...

Tomci-a ao collo, cobri-a de beijos, e reparando o melhor que pude o estrago causado pela sua travessura, levei-a para casa, enquanto ella me abraçava com transporte, prodigalizando-me aquelles seus limitaveis carinhos, que—ah!—nunca mais me será dado aqui na terra possuir!

U. G.

Dia de finados

(No CEMITERIO)

Não cá-me coração ante a morada dos felizes que dormem o derradeiro sonno da Paz, á sombra do euzeiro, horrorados dos beijos da alvorada.

Não lastimes, oh alma torturada, o decanto do triste caminhoiro que percorreu da Vida o Sáhara intelro sem talvez encontrar uma pouxada.

A Vida é sempre dubla phantasia alcatifada de Dór e de Alegria... o a Morte é a só Realidade!

Sonham talvez, aqui, as Almas puras enquanto que o enlucado as exulturas reza o egypte o Credo da Sa. dade!

1902.

J. Galvão
A. Amador

15 DE NOVEMBRO

Apezar dos infurtanos os mais lastimaveis, da mais desbragada situação a que tem chegado a tão digna de melhor sorte, e outr'ora tão florescente nação brasileira, 15 de Novembro não deixa de ser uma data gloriosa para a historia de nossa patria, porque ainda resta-nos a esperanza de vermos a sua testa um governo, cu-

ja administração corresponda ás suas necessidades.

Para que analysassemos a nossa situação durante este curto periodo de governo republicano seria preciso que lançassemos um longo olhar para um passado não pouco distante, e então viriamos que nossos males já vem de longe, e que a nossa forma de governo não passa da continuação mais corrupta dos ultimos annos do governo do regimen decahido.

So hoje vemos a nesta calamidade é porque temos tido governos sem patriotismo, que preferem a miseria de seus concidadãos ao bom estar de sua patria.

E se por tanto tempo temos aturado governo sem capacidade administrativa é porque temos um povo que por excess-o de condescendencia ainda não qu z reagir.

Mas 15 de Novembro deve ser glorificado, porque lembra que num dia pensamos em ser filhos de uma patria livre.

Quando em plena monarchia moia dizia de cidadãos abnegados faziam a propaganda republicana, quando inculca no cerebro de nosso povo as ideias de democracia—era a republica um sonho. E um dia, proclamada esta, foi resolta por um povo, mas por um povo já republicano.

E aquelles cidadãos, aquelles que tinham feito o Brazil republicano, foram elles os esquecidos.

Daqui começa a republica, daqui principia os erros de nossa forma de governo!

Silva Jardim, o mais bravo de nossos republicanos, o forte propagandista daquelles dias difficeis, cedo desilludiu-se da grande obra para que tanto havia concorrido, e um dia, já que não encontrava na patria, foi procurar lenetivo na cratera do Veuviol!

E como este não poucos tem tido a mesma recompona.

Hoje vimos em caninho para nm precipido, cujo fim será os detroços de nossa patria, a queda de suas instituições, e (o que é tão duro!) o desmembramento de nosso rico territorio, pela inepcia, pela incapacidade dos governos que temos tido!

Talvez que a propria França daquelles tempos calamitosos não estivesse tão ameaçada pelos perigos que nos aguarda o futuro.

E agora, principalmente, tão grande tem sido o descrédito de nosso governo para o estrangeiro, que até a Bolivia, uma republica quasi sem civilização, acaba de afrontar a nossa patria, a patria de tantas glorias, a terra de nossas tradições, massacrando brasileiros, queimando-nos o glorioso pavilhão, insultando-nos pela imprensa!

Tudo isso por causa do Acre, região habitada por brasileiros, território que tínhamos o soberano direito de possuir, se não fosse a desintelligencia do governo a que até hoje esteve confiado os destinos de nossa patria!

Os Estados Unidos que diz-se nação civilizada, parece querer perder o brío de suas velhas tradições intervindo na nossa politica internacional, como se não fossemos uma nação não menos civilizada, como se não fossemos um povo emancipado: auxiliando os bolivianos, para por meio de um syndicato commercial, apoderarem-se do Acre, e mais tarde, segundo os seus planos feitos, lembrarem-se da enganada doutrina do Monroe!

E a Bolivia, tão grande é a falta de cultura em que se acha, que ainda desconhece os males que hão de vir para o nosso continente accumulando em seu rico reino uma nação de especuladores!

De outro lado vemos que a Alemanha parece querer germanizar o sul de nossa patria.

Sim, já quer que sejam considerados alemães os filhos dos alemães nascidos debaixo de um céu tão bello como o nosso, como se realmente já fosse Alemanha o nosso territorio.

E todos esses absurdos são o fructo da falta de patriotismo dos governos que temos tido!

Por acaso desconhecem esses senhores que fomos uma nação civilizada, cuja autonomia deve ser respeitada e acatada como qualquer uma das mais poderosas potencias europeias?

Quererão tambem dar votos aqui dentro de nossa patria, em cousas e ujos direitos são exclusivamente nossos?

Já é grande a falta de escrupulos, ou pouco é o timo dessas nações civilizadas! E nós não temos outro remedio senão o de lastimar a falta de um governo patriota, que onergicamente subeeste repillar a audacia desses povos usurpadores, e lhes fazer ver que o Brazil foi feito para os brasileiros!

Talvez que hoje com o ralar de um dia tão glorioso tambem venha a felicidade para a nossa patria, ja que termina o prazo de um governo sem equilibrio, cujos serviços prestados foram o relaxamento da nação!

Oxalá que o brasileiro que hoje inicia o seu governo saiba corresponder aos desejos do povo: governar com a opinião publica!

Cyro TAVARES

De quinzena em quinzena

I

Leitoras,

Ha muito que o amavel Director do *Album*, reclamava a minha obscura presenca nas paginas do mimoso orgão do "Frei Miguelinho."

Eu, destituido de conhecimentos litterarios, mettido na minha nullidade intellectual, sem jamais poder conehavar um soneto apezar de folhear quotidianamente os adeptos de *Stochoetti*, sem poder amoldar um conto nas formas restrictas da Arto, como o faz o innocavel estylista Coelho Netto, accedi ao pedido de tão destinetico cavalleiro e escolhi esta secçãozinha, que se resumirá em relatar as gentis leitoras do *Album* o occorrido no decurso de uma quinzena.

Sem vervo, ella será todavia sincera, sem *basofias* e sem saliencia de espirito.

Muito á pezar meu, tenho notado e presenciado mesmo, que certos *typos*, ou *dandys* (que mais se adequada com a personalidade phisica de certos individuos) que sem poderem comprehendere a ardua quão sublime missão á que se atiram os denodados moços do "Frei Miguelinho," gratuitamente e sem a divida competencia, refestelam-se á proclação de um trabalho intellectual, fraco é verdade e allás perdavél, attendendo a pouca ou quasi nenhuma pratica do moço que o firma.

E são estes, que se intitulam de *criticos espirituosos*, mais dignos da compaixão dos que se presam de que de um riso de desprezo.

Porem não foi para apreciar estes asquerosos *reptis* que do rojo, frequentam a nossa sociedade, que interrompi o vovso delicado *crochet*, não.

Trabalharei o quanto me permittir o *bestunlo* fraco de um estudante intimidadado a cada momento com as rouquentas palavras—« rigor!... muito rigor este anno, nos exames de preparatorios—» pronunciadas pelos rixos labios de um respeitavel lento cathedratico, para vos ser agradável e o menos paulificante possível.

Só por falar em *preparatorios*, leitoras, sinto percorrer-me o corpo todo uns calefrios incompatíveis com o seu organismo fraco e acabrunhado. Não imaginaes, sem duvida, o medo e o receio que se apoderam do coração de um pobre *cascabullo*, ao se aproximar a epoca em que elle na presença de um selecto auditorio de cavalleiros competentemente illustres, tem de syntheticamente mostrar o aperfeiçoamento intellectual que esperi-

mentou no pequeno decurso de um anno.

Conhecerei o Barroca e sem duvida haver de saber que o rapaz esteja atacado de *spleen* ou maleitas, tal é a ausencia que tem feito nestes dias do meio da *traga folgazan*; pois elaboraes em grande erro se assim pensaes: o Barroca, este rapaz *physica* e moramente uniceito as luctas, que tem um espirito mais forte do que a *cabeça do negro* que vive a fazer *caretas* aos parvos do *Mad*, tem mais meo de uma *lucida* do que mesmo da ficticia *poesia babonica* que lavra... os cofres dos *trados* por onde se propaga.

Procurai ver o Barroca, sondai bem o seu espirito, estudaes bem sua *physionomia*, que só assim fareis uma idéa do quanto soffre um pobre *cascabullo* para ser... *papa!*

Já é tempo de deixar escorregar pelo *escamoteado* bloco da pena que relisca estas tocas linhas, o competente ponto final, tão querido dos *typographes*.

Au revoir

Natal--1902

Stelyta BARROSO

Saudades!

Alegre vaeis partir; e no entanto amoteiha minh'alma atroz saudades; orla-me o olhar o mago véu do pranto como uma eterna e negra tempestade.

E vaeis partir e nunca mais teu canto cheio de amor e de suavidade, hei de sentir como um macio manto aleatificando a minha mocidade.

Tú sorrirás pensando no futuro hiante para ti... p'ra mim escuro tal como um bloco n'uma escura tella.

E em ta, eu viverei em vis resabios, não trarei mais um riso á flor dos labios e um botão de *La France* na lapelia.

J. Galvão

J. Galvão

O negocio è este...

Final *ecce homo* novamente na bacia a tratar dos negocios de sua patria. Caros leitores, o Aleixo agora vem bastante engraçado, se bem que esteja alguma cousa acabrunhado devido ao resultado pouco favoravel que alcançou em suas conquistas.

Dirão os senhores: madestia passou

longe daquelle como satan pasra da cruz, mas, não; é porque quem nunca mentiu... acanha-se em o fazendo. Vala-me o Deus dos poetas!

Não é sem pezar que proponho-me a narrar as peripecias da catastrophe das minhas frustadas experiencias a respeito de meus sonhos—dourados quasi que já estou despachado destas minhas invenções. Caramba! fahil-me mal. Vejamos a queda do meu famoso castello.

Por arte de meus pecados, em um dos meus passeios nocturnos, por aquelles pontinhos... encontro um poeta, um dos de *mão cheia*.

Ao vel-o procurei escapar-me das vistas delle afim de pesquisar os mysterios da arte. Nisto pára á esquina um outro adepto desta supremacia incommensuravel que descobri pertencente a esta elevada classe—porque se cumprimentam mutuamente com a palavra—poeta. Passando um pelo outro, notel, parece, que as trovas que nos envolviam áquella hora ja adiantada da noite, eram impellidas por intensa luz projectada de um cerebro para outro.

De facto, um vinha carregado com electricidade negativa e outro estava electricado positivamente e na passagem deu-se a influencia e tirou a farsa. O reflexo deu com todos balados para conhecer physicamente o outro individuo que perguntou ao collega:—O que andas a fazer?— Bebendo inspirações, redargia elle, não me acompanhás?— Não, *bien merci*; já o fiz. Eu que tudo ouvia attentamente disse com os meus hotões: eu hoje hei de conhecer o que no mundo se chama inspiração, alem desse ser abstracto que conheço e segulo sempre conservando alguma distancia entre nós. No dobrar de uma esquina desapareceu o poeta.

Eu já aneloso procurei para aqui, proenro para acolá dos cora os olhos n'uma cara d'onde sahia uma luz. Era uma venda. Certamente, eu pensei, elle foi p'ra alli, e ao approximar-me fazendo minha espreita ouvi elle dizer para o caixeiro com um ar muito prasenteiro: «Bota ahi um pouco de inspiração» Não parecia aquelle sobranceiro que anda aqui.

O caixeiro correu a p'ra fileira e executou o seu p'dito enchendo um copinho de bom tamanho de certo liquido.

O nosso poeta saberiou sua guêla e depois de uma animada prova debruçado no balcão retirou se preferindo estas palavras: «Agora vou p'ra casa e depois de *menter sur le tas* darei repouso ao corpo. *Au revoir*»

Verdadeiramente convicto que alli se vendia tal preciosidade, satisfetissimo pelo triumpho que julgava alcançado em meu passeio, logo após a

sahida delle eis-me lá afim de realisar o que julgava uma illusão—ser poeta. Pegou ao caixeiro uma garrafa de inspiração; responde-me o rapaz que não sabia o que era. Eu então faço-lhe lembrar perguntando o que havia comido aquell' meco que se retirára ha pouco. «Sim, diz elle, é exacto, é termo *technico*, segundo me affirma aquelle poeta.» E me entregou uma garrafa da dita. Ao recebel-a senti o odor de uma cousa que eu sei cá mas reflectindo bem conclui que jamais poderia ser aquillo e entregando um couro ao caixeiro e to passou-me o troco. Dirigi-me á casa muito satisfeito, com o riso a fluctuar nos labios pois lá ser poeta.

Chogando preparei os aviamentos e zás Ingrei um pouco do liquido.

Oh! Alelixinho, para que flecte isto?!

Olho o que é do intuitivo abraçado! Meu Deus de minha alma! Grande processo extrambolico.

Então está bom patente que a tal inspiração queima como *cy a q e paravinho não bebe*. Daqui a pouco olho-me andando em regiões desconhecidas. A cafoça ja não me pertencia, senti-mo de fahil-se r.

Por acerbos transeis passei, em um rubiu-me ao cerebro um turbilhão de rimas e ahi me tem tambem dar o meu braço pela data de hoje:

No escabroso caninho da existencia encontramos tambem dias felizes. Quando a data de lactas nos trazem Os b.llihautes triumphos d' matizes

Hoje sendo uma data de victoria Creio pois caber a todo p.to De sua opinião hoz ou *chif. in* A todos os patriel e por ao facto.

Sim, brotou o ideal purissimo Em corações plenos de uobrezas P' rem hoje ás mãos de homens perjuros É um chá se que dissepa esta grandeza

Sucedem uma chuvinha do rio ar; hoje em dia é o *para que tem mais* em minha cabeça, porem eu tomei a seguinte resolução:

Ora vou me consolar Assim como Deus me fez Que á custa de barito Não sou poeta outra vez.

Ainda me recordo do quando minha avosinha me chamou a attenção assim: "Meu filho, beber, agua. E encarando este sabio conselho von deixar de minhas *capilloçadas*. Nadar em secco não é para mim. Vou apenas aqui a *trancos e barrancos* levando a prosiinha.

Pretendia, caros leitores, apresenter um assumpto que devéras vos

futaria uma gargalhada mas o espaço é limitado. Ficará para outra occasião.

Relevar a paulificação do amigo

Aleixo COSTA.

FESTA D' APRESENTAÇÃO

No dia 11 do corrente, depois de percorrer diversas ruas do bairro alto desta cidade, conduzida por um couro de meninas uniformemente vestidas, foi elevada a bandeira para iniciarem-se os festejos á nossa Padroeira, a Virgem d' Apresentação.

No dia 12 começaram as novenas e terminará no dia 21 com missa solenne e sermão ao evangelho pelo talentoso sacerdote José de Calazans.



ERRATA.— Devido a pressa com que foi feita a revisão, escaparam diversos erros dos quaes devem ser notadas as seguintes:—na segunda pagina — 3ª columna, 5º periodo, 2ª linha — em lugar de *faziam* leia-se — *fazia*; na 3ª pagina, 1ª columna, 1º periodo, 6ª linha — *lha-se* estiveram em vez de *este*; na ultima linha do penultimo periodo leia-se rebalxamento e não *r latamente*; na 2ª columna, penultimo periodo, ultima linha — leia-se meu organismo e não *seu* organismo &

A' lapis

(Versos instantaneos.)

O amigo Montano hontem me disse, (isto muito em segredo):

Que da troça, d'aqui, eu não sahisse, P'ra a sistir d'umas moças um brin-

E eu 'stou convenido, (quedo.

Que h'verá muitas festas em Dezembro: Prindas, lapinhas... bois e confundido De muita coisa mais eu não me lembro.

E o negocio é este...

Segundo tambem diz o velho Aleixo Velho gato que ainda hoje veste

Frak na moda que não bato o queixo. "E p'ra que voce é tão *canningado*?

(Dirão vossas mercês.)

E' porque Uriel, bicho espalhado, Quer terminar a pagina desta vez...

E não havendo ninguem que rabisasse Alguma cousa que vos *canningasse*,

Eu na folia, disse:

Quo, por graça ou chalaça toda algum Havia de escrever.

(dia

Xys.

Imp. nas Off. do ALBUM